



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LUCAS WELTER DONELLI

**DO QUARTO À CIDADE: NARRATIVA SOBRE AUTONOMIA E VONTADE
DE VIVER ATRAVÉS DO ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO**

Porto Alegre, Junho de 2019

Lucas Welter Donelli

**DO QUARTO À CIDADE: NARRATIVA SOBRE AUTONOMIA E VONTADE
DE VIVER ATRAVÉS DO ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de bacharela em Psicologia.

Orientadora: Prof.^aDr.^a Luciana Rodrigues

Porto Alegre, Junho de 2019

Lucas Welter Donelli

**DO QUARTO À CIDADE: NARRATIVA SOBRE AUTONOMIA E VONTADE
DE VIVER ATRAVÉS DO ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de bacharela em Psicologia.

Orientadora: Prof.^aDr.^a Luciana Rodrigues

Prof.^a Dr.^a Luciana Rodrigues - UFRGS (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto - UFRGS (Comentadora)

Porto Alegre, Junho de 2019

AGRADECIMENTOS

Em especial à minha orientadora Luciana, por me ajudar a melhorar a minha relação com minha produção escrita e pelas contribuições que me ajudaram a dar os contornos e as cores da história que trago neste trabalho.

Ao grupo de estagiários do AT na Rede da UFRGS, por me acompanharem durante a experiência de estágio que deu origem a este trabalho, por me ajudarem a olhar para esta experiência e por me ensinarem muito sobre práticas de cuidado a partir de seus relatos.

Às supervisoras do grupo AT na Rede, Analice e Vera, pelo suporte em minha primeira vivência de estágio e pelos ensinamentos sobre a prática do acompanhamento terapêutico.

À equipe do CAPSi de Novo Hamburgo (meu atual local de estágio), pelo acolhimento e por contribuírem para expandir minha vivência na saúde mental coletiva.

Aos professores, todos que em algum momento cruzaram a minha vida, desde o maternal até a graduação, desde aos professores de disciplina até os que participaram apenas de uma aula, todos eles contribuíram para a caixa de ferramentas que carrego hoje, todos eles mediaram de alguma forma a minha relação com o mundo e com o conhecimento.

E ao Davi, por me permitir entrar em sua história e contribuir para o seu cuidado, pelos encontros nas tardes de quinta-feira e por tudo que produzimos juntos a cada encontro.

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...

(É nem que fosse o meu corpo!)

Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...

Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuança de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)

Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso

Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)

E talvez de meu repouso...

O Mapa, Mário Quintana

RESUMO

Este trabalho se apresenta por uma narrativa produzida a partir da minha experiência como acompanhante terapêutico durante o estágio básico do curso de Psicologia. Através dessa narrativa, me proponho a pensar o dispositivo clínico do AT (Acompanhamento Terapêutico) como meio de produção e promoção de autonomia, a partir de minha experiência como acompanhante terapêutico de um jovem que se afastou da circulação pelas ruas da cidade por quase 10 anos. Nesse sentido, frente ao setting terapêutico tradicional, demarco a aposta na potencialidade do AT como dispositivo para acessar este jovem em sua condição de não sair de casa e iniciar um processo terapêutico possível. Me utilizo desta narrativa também para pensar a minha formação acadêmica atravessada pela experiência do encontro com o jovem que acompanhei, considerando o protagonismo do sujeito no seu processo de cuidado.

Palavras-chave: Acompanhamento terapêutico; autonomia; cuidado; formação.

SUMÁRIO

RESUMO	6
SUMÁRIO	7
1. INTRODUÇÃO	8
2. DESENVOLVIMENTO DA NARRATIVA	9
2.0. Sobre minha construção de narrativa e sobre o diálogo com meu próprio escrito	9
2.1. Um pouco sobre o projeto, o AT e minhas escolhas	11
2.2. Sobre Davi, a experiência e a cidade	12
2.3. Sobre minha branquitude	17
2.4. Sobre nossas primeiras saídas	19
2.5. Sobre comida, desejo e autonomia	22
2.6. Sobre o vínculo e sobre o dizer adeus	25
3. SOBRE CONCLUIR (CONSIDERAÇÕES FINAIS)	27
REFERÊNCIAS	30

1. INTRODUÇÃO

Considerando a dificuldade que tenho em escrever (que percebo ao iniciar este escrito) e meu pouco tempo para realizar este trabalho (acabei por deixar O TCC1 e o TCC2 para este último semestre) escolho me debruçar sobre uma experiência de estágio para disparar a minha produção. Apesar desta escolha se dar por questões práticas, aos poucos vou apreciando cada vez mais este exercício de me voltar para a memória desta experiência e poder abrir o baú que guardava a história dos encontros que vivenciei durante esse período de minha formação

Este baú que se abre apresenta minha experiência, entre os anos de 2016 e 2017, como Acompanhante Terapêutico do projeto AT na Rede desenvolvido pela UFRGS em Porto Alegre. Através da produção de uma narrativa deste momento, me proponho a pensar o caso do jovem que acompanhei, na modalidade de acompanhamento terapêutico, a partir da sua questão disparadora: a dificuldade desse jovem de se sustentar no espaço público da rua e as potencialidades que esse espaço pode produzir para a promoção de autonomia através do dispositivo do AT.

A prática do acompanhamento terapêutico (AT), em foco neste trabalho, se configura como “prática destinada àqueles pacientes acometidos por sofrimento psíquico que, por razões variadas, requerem um dispositivo diferente do que oferecem os espaços tradicionalmente destinados ao seu tratamento” (REIS NETO; TEIXEIRA; PINTO; OLIVEIRA, 2011, p. 31). Dentre os diversos usuários que podem se beneficiar desta prática, este trabalho irá se debruçar sobre a vivência de um jovem em situação de isolamento em seu quarto, com dificuldade de se sustentar em espaços públicos.

Através da narrativa dessa experiência, será tecido uma reflexão acerca do AT como dispositivo clínico potencial para produção e promoção da autonomia de sujeitos que se encontram acamados e afastados da cidade. Me proponho a pensar como a rua pode ser conquistada, vivida e tomada por estes sujeitos em um processo terapêutico de autonomia e vontade de viver.

2. DESENVOLVIMENTO DA NARRATIVA

2.0. Sobre minha construção de narrativa e sobre o diálogo com meu próprio escrito

Neste ponto inicial do trabalho, que antecede a apresentação da narrativa sobre o percurso de um sujeito, quero falar um pouco sobre quem escreve esta narrativa e como a escreve.

Durante a graduação o processo de escrever sempre foi difícil para mim. No campo da fala sempre me senti mais à vontade. Em muitas discussões com colegas, no intervalo ou tomando uma cerveja, eu me sentia traduzindo muito das teorias e discussões apresentados em livros, textos e aulas. As dificuldades surgiam e, ainda, surgem, quando o papel e caneta (ou o teclado e a tela do computador) me convocam para produzir linhas e páginas a partir do meu conhecimento e experiências. Escolho escrever este capítulo (se assim o podemos chamar) no meio do meu processo de escrita por entender que é necessário falar sobre ela.

Sempre tive dificuldade de gostar dos meus escritos e valorizá-los enquanto produções acadêmicas. Mesmo no final da graduação, escrevendo o trabalho que carrega consigo o peso de representar a conclusão de um processo que se deu por 7 anos, ainda tenho uma relação difícil com isso. Esta dificuldade, por vezes, me fez duvidar do meu desempenho durante meu percurso de formação enquanto estudante de Psicologia, produzindo uma série de inseguranças neste narrador que vos escreve. Quando me dou conta disso, busco a validação da minha produção de conhecimento de outras formas, para além da minha escrita, sem desistir de melhorar minha relação com o papel e a caneta.

Ainda não me sinto seguro de dizer que gosto da minha escrita e sei que muito disso se dá pela expectativa que tenho com ela e pela comparação (difícil de evitar) com textos acadêmicos ou até de colegas. Com o tempo me dediquei a tentar avançar em aspectos que me incomodavam como, por exemplo, a escolha da linguagem. Aprendi a entender suas limitações e a ver seus potenciais e, a partir disso, poder produzir algo que seja coerente com a minha jornada neste curso de graduação e com **tudo** que me atravessou durante esse percurso.

Escolher uma narrativa como ferramenta para este trabalho também se apresenta como um desafio para este narrador que, para além das inseguranças que já foram relatadas, é um iniciante no manuseio desta ferramenta como produção

acadêmica. Não digo que é meu primeiro encontro com o narrar de uma história. Dizer isso seria desconsiderar todas as formas de narrativas que produzimos no decorrer de nossas vidas. O que se mostra como desafio para mim, em terras ainda não exploradas, é a narrativa enquanto forma de relação com o conhecimento acadêmico que o trabalho de conclusão evoca.

[...]é preciso entender que a escrita não se encontra fora do sujeito: a escrita o constitui. É preciso entender que o aluno, a quem se quer tanto atingir com o conhecimento, sofre transformações provocadas pelo próprio conhecimento e que a escrita não deveria então refletir nem prontidão, nem conclusão: deveria refletir iniciação, transformação, desenvolvimento e prazer. (BOUTEILLER, 2013, p.109).

Trago este trecho do artigo de Eveline Bouteiller para pensar a minha escrita e seu papel enquanto ferramenta importante do meu processo de formação. Ao organizar meus pensamentos em frases sobre o papel, estou convocando tudo que li e aprendi durante minha produção singular de conhecimento na graduação de Psicologia. Entender que minha escrita produz e, fala da produção, do meu conhecimento e que isso se dá tanto de forma singular quanto coletiva, me permite ver o processo de escrever para além da reprodução de forma e conteúdo que encontrei muitas vezes durante o curso.

Além desta fala sobre a minha escrita, acredito que seja importante destacar o processo de reflexão e intervenção que apresento nesta narrativa. A escolha de escrever em primeira pessoa é um caminho de traduzir a experiência enquanto singular, porém este singular é inserido e produzido a partir de um coletivo. Um coletivo de pessoas que participaram das mais diversas formas da minha história antes e durante o curso de graduação. O que quero dizer é que tudo que eu escrever aqui, apesar de ser condensado em minhas palavras conjugadas em primeira pessoa, são ecos dos vários discursos provenientes das mais diversas pessoas e dos mais diversos saberes, que encontraram lugar na minha narrativa de estudante e que agora aparecem neste trabalho de conclusão. Se tratando da experiência de estágio vivida no grupo AT na Rede, é importante destacar que as contribuições tanto das supervisoras do grupo quanto dos demais estagiários compõe de forma significativa as reflexões e apontamentos que trago para dialogar com esta narrativa.

2.1. Um pouco sobre o projeto, o AT e minhas escolhas

O Programa de Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública, vinculado ao Instituto de Psicologia da UFRGS, teve origem, em 1996, junto ao CAPS CAIS Mental Centro, da Secretaria Municipal da Saúde de Porto Alegre, consolidando-se como projeto continuado de extensão universitária a partir de 1998. Articulado à experiência de estágio curricular e a atividades de ensino e pesquisa, em parceria com serviços da rede municipal e estadual de saúde, o Programa visa a construção de novos modos de encontro entre a instituição de atendimento em saúde mental e seus usuários, através da ferramenta do acompanhamento terapêutico. Analice Palombine (2007), no mesmo documento em que apresenta o projeto, descreve o acompanhamento terapêutico como uma modalidade da clínica que se propõe a acompanhar um sujeito no seu cotidiano, favorecendo a sua circulação social e a ampliação de seus laços e possibilidades de vida. O AT (Acompanhamento Terapêutico) não tem local exato para acontecer, pode ser na casa do usuário, pode ser durante uma caminhada pelo bairro, num shopping, num cinema, numa praça, na rua, etc. Esse deslocamento força uma mudança na postura dos profissionais envolvidos, para os quais não é mais possível manter a atitude padrão, previsível e controlada do setting terapêutico tradicional.

Em 2016, faço a escolha por esta modalidade de estágio para iniciar minha jornada de experiências na formação em Psicologia. Minha escolha se justifica principalmente pelos relatos de outros colegas que realizaram a mesma modalidade. Em uma atividade organizada pelo curso de Psicologia para proporcionar o diálogo entre alunos que estariam encerrando o estágio básico e outros que estariam iniciando este período, escuto relatos do quanto a experiência do acompanhamento terapêutico era intensa, como nos colocava em ação logo de cara e que, comparado com outros locais de estágio, ele proporcionava mais autonomia e uma vivência mais intensa de cuidado. Neste momento de escolher um campo de estágio, era exatamente este tipo de experiência que eu procurava. Os 4 anos que antecederam este momento me mostraram que meu aprendizado se dá de forma bastante significativa no contato com o outro. As discussões em aula, as conversas com colegas no bar, meus alunos da escola em que trabalho compartilhando suas angústias e aflições, o desconhecido que me aborda na estação de trem porque está desamparado e precisa conversar com alguém e, por aí adiante, são exemplos de

experiências que se destacam dentro do meu aprendizado. Não é minha intenção criar uma disputa por relevância e produção de conhecimento entre a experiência empírica e a base teórica. Entendo que cada exemplo de contato com o outro que listei aqui foi intermediado por tudo que li e aprendi durante a graduação. Meu olhar e minha escuta foram afetados por cada texto e cada professor(a) que encontrei em meu caminho. Considerando meu desejo de viver uma experiência mais intensa de contato com o outro e com a cidade e que, de certa forma, me convocasse para a intervenção no cuidado em saúde mental, que o AT na Rede surge como um campo de atuação possível.

Minha grande motivação para me tornar um acompanhante terapêutico era a possibilidade de viver as aventuras que imaginava existirem nessa atividade. Imbuído principalmente desse espírito aventureiro alistei-me para as fileiras do AT. Ouvi falar sobre o AT quando ainda cursava a faculdade de Psicologia. Achei interessante este tipo de atividade, embora as pessoas com quem conversava questionassem sua validade, pois, em sua opinião, esta função assemelhava-se à de 'babá de psicótico'. Entretanto, algumas histórias contadas a respeito desse trabalho despertaram-me o desejo de experienciar esse tipo de relação com um sujeito. (BARRETO, 2005, p.28).

Ironicamente me deparo com este trecho da obra de Kleber Duarte Barreto depois de já ter concluído este capítulo sobre minha escolha pelo AT na Rede. Escolho trazer esta citação para o final do capítulo porque, para mim, ela resume um pouco o que trouxe aqui. Me deslumbrei como, ao buscar neste livro escritos para dialogar com outro capítulo deste trabalho, a obra se mostra reveladora sobre o que elaborei no início da minha escrita. Entendo agora que, para além do que consegui condensar aqui sobre minha escolha, a busca por aventura também me moveu para este caminho de cuidado no vagar pela cidade.

2.2. Sobre Davi, a experiência e a cidade

Para preservar a identidade do usuário irei conferir-lhe um nome fictício. Assim, o jovem que acompanhei durante minha primeira experiência no AT na Rede chamaremos de Davi. Meu ingresso no grupo do AT na Rede não me colocou em contato imediato com ele, pois os novos estagiários iniciam sua participação nas reuniões do grupo, escutando os relatos dos casos em andamento e que podem ser acolhidos para acompanhamento por quem está chegando. Não existe data pré-definida para iniciar os encontros, cada novo estagiário tem o seu tempo de se sentir

chamado para um caso e para realizar a “passagem” do acompanhante terapêutico “antigo” para o “novo”. Essa dinâmica me ajudou a me preparar para o início dos encontros e construir meu tempo e meu modo de iniciar esse processo.

O caso de Davi foi relatado em uma das primeiras reuniões em que participei. Uma residente de saúde coletiva, não vinculada ao grupo do AT na Rede, mas que na época atuava na unidade de saúde da família do território de Davi, participou da reunião do grupo para compartilhar o caso dele. O período de residência dela estava acabando e ela entendia a importância de que o acompanhamento terapêutico de Davi não se encerrasse naquele momento. Além da apresentação na reunião, a residente descreveu o caso de Davi também por email, escrito que, por trazer informações importantes sobre a história do jovem, reproduzo abaixo (com a autorização da autora):

Davi é um jovem de 27 anos que iniciou o acompanhamento na USF Jardim Cascata em razão de estar domiciliado desde aproximadamente o ano de 2009. A mãe teve um AVC a alguns anos atrás e possui sequelas, além de ter um diagnóstico de esquizofrenia, fazendo uso contínuo de medicação, atualmente está tratando uma meningite tuberculosa. Seu pai, é o responsável pelos cuidados da família, trabalha como porteiro à noite, possui forte vinculação com a igreja evangélica, mas é de fácil manejo. O irmão mais novo, reside com eles, porém não passa muito tempo em casa, em razão do trabalho e do curso profissionalizante.

Em atendimento com o genitor, o mesmo relata que Davi sempre foi um pouco solitário e tímido e sofria bullying na escola (frequentou até a sétima série). Relata que Davi começou a faltar muito à escola e começou a se isolar. Atualmente ele possui dificuldades em fazer auto-cuidado, como tomar banho, escovar os dentes e trocar a roupa. Gosta de ler, e não aparenta ter dificuldades cognitivas, se relaciona com o mundo externo através das notícias da TV.

Davi iniciou em acompanhamento sócio-terapêutico no início de 2015, após ter passado por internação compulsória (45 dias) no Hospital espírita. Já fez uso de Haloperidol, biperideno e fluoxetina, porém nunca aderiu a medicação.

Iniciamos o acompanhamento em conjunto com duas agentes comunitárias da USF Jardim Cascata, por terem vínculo com o usuário. Inicialmente ele se mostrava tímido e monossílabo. Quando se negava a fazer algo, usava a frase "por enquanto não", sendo trocada ao longo dos acompanhamentos, por "pode ser". (Trecho do e-mail escrito pela residente de saúde coletiva para apresentar o caso de Davi, recebido dia 03/08/2016)

De alguma forma me senti chamado pela história de Davi, contada através do olhar desta residente. Sempre tive interesse em trabalhar com adolescentes e jovens adultos. Acredito que esta particularidade combinada com o contexto e histórico de Davi despertaram meu interesse e desejo de contribuir com a oferta de cuidado que já estava se dando e que era de grande importância que não se interrompesse. Assim, depois de algumas semanas de reuniões me coloquei à disposição para iniciar o AT com Davi e fazer os contatos com a USF comunicando meu ingresso no caso e, assim, poder realizar as combinações necessárias aos nossos encontros.

Encontrar com Davi foi o primeiro desafio. Nosso encontro foi adiado duas vezes pela agente comunitária da unidade básica de saúde devido à conflitos entre gangues rivais do bairro que tornava perigoso o acesso a sua casa. Na terceira vez conseguimos sustentar a visita domiciliar e dar início ao acompanhamento que se daria por aproximadamente 1 ano.

A primeira vez que vejo Davi ele está deitado em sua cama, na peça da casa que comporta uma TV e camas para 4 pessoas (pai, mãe, Davi e o irmão). O lar de Davi, além de ser em um bairro pobre da periferia de Porto Alegre, fica em um ponto de difícil acesso de mesmo. Uma rua sem saída e uma escadaria íngreme para chegar no terreno da casa são alguns obstáculos que estão entre Davi e o acesso à cidade, barreiras físicas e psíquicas se misturam neste espaço entre ele e a cidade.

Ali naquela casa, em um bairro que eu nunca havia pisado, com um jovem que, nos últimos anos, passou quase todo o tempo na cama, se deu minha primeira intervenção enquanto estudante de Psicologia. Entendo que mesmo antes de qualquer conversa, a minha chegada nesta residência já inaugura uma intervenção. Este entendimento vai na direção indicada pelo filósofo Michel Foucault, “intervenção, no sentido etimológico em que intervir consiste em situar-se entre os elementos constitutivos de um contexto social, mais do que vir de fora para modificar a situação” (POTTE-BONNEVILLE, 2006, p. 146).

Antes mesmo de pensar e escolher as primeiras palavras, o meu corpo já estava em ação, minha presença dentro do lar de Davi já colocava família em movimento. O pai de Davi abre o portão para nós (eu e Cristina, a agente comunitária) e faz o convite para entrarmos, já antecipando que Davi está deitado, mas não sabe se ele está acordado. A mãe de Davi nos recebe sentada na cama, gritando para o jovem que tem visita em casa. Convido ele para sentar no pátio e conversar. Davi estava de olhos fechados; quando escuta o convite me olha

desconfiado por cima do ombro e volta a fechar os olhos. O pai dele reforça meu convite e me oferece cadeiras para colocar no pátio. Digo para Davi que quero conhecer ele e que estarei lhe esperando no pátio, com duas cadeiras para sentarmos. Davi vem ao meu encontro, senta do meu lado e me olha de forma tímida.

Depois de tantos textos, teorias e discussões, depois de vários semestres de aulas assistidas e trabalhos escritos, depois de toda uma jornada percorrida eu estou, finalmente, diante de meu primeiro contato com uma intervenção sobre cuidado em saúde mental como futuro profissional de Psicologia.

Tudo que antecedeu este momento me trouxe até ele, afetou e moldou minha escuta e minhas práticas. Sentia a UFRGS tão distante neste início do meu percurso de cuidado do outro, como se ela tivesse me colocado em um ônibus para um local desconhecido, apenas com um mapa incompleto da cidade que me aguardava. Com o tempo vou percebendo que o mapa era suficiente para iniciar a jornada e, que o que faltava nele, caberia a mim preencher a partir da experiência dos acompanhamentos, do vagar pela cidade e da ajuda de Davi. Os textos, teorias e discussões que antecederam este momento eram os contornos do mapa ainda incompleto. Contornos que me ajudaram muito a chegar até ali, a me localizar dentro dos desafios e a buscar pelo que faltava para preencher suas lacunas. Eles já traziam algumas trilhas desenhadas que indicavam caminhos possíveis, mas sempre encontravam com bifurcações ou áreas desconhecidas que precisavam ser exploradas e descobertas.

Davi senta ao meu lado no pequeno pátio em frente à sua casa e começa a desenhar um pouco deste mapa comigo. No ponto em que a casa está é possível ver boa parte da cidade, pois o terreno fica em um dos pontos mais altos do bairro. Começo perguntando para ele sobre sua experiência com a acompanhante terapêutica anterior. Ele demora para começar a falar. Palavras como “legal”, “bom” e “sim” foram, basicamente, o conteúdo inicial das suas respostas.

Proponho, então, nos levantarmos das cadeiras e olharmos para a cidade lá embaixo. Davi me acompanha nesta proposta. Peço ajuda para localizar a Usina do Gasômetro na paisagem em nossa frente e, aos poucos, conseguimos localizar o ponto turístico da cidade. Pergunto para ele locais da cidade que ele já visitou. Ele lista alguns em que foi com a AT anterior e outros que foi com a família quando era criança. A conversa sobre a cidade segue e digo para ele que não sou morador de

Porto Alegre, que apenas estudo ali. Proponho que ele me apresente lugares que ele já conhece e que juntos a gente visite lugares novos. Sobre lugares novos, Davi diz que gostaria de conhecer o Parque Marinha e de ir ao cinema. Me proponho a ir com ele nestes lugares em nossos próximos encontros. Sobre seu afastamento da escola e da cidade, Davi traz poucas falas, tanto neste dia como nos demais encontros. O adoecimento da mãe, a dificuldade em acompanhar as aulas e se sentir excluído na escola, por ser “estranho” e tímido, são os elementos que ele indica como produtores deste afastamento.

Este momento inicial de conversa com Davi partiu de pequenas respostas para, no percurso do acompanhamento, se tornar um diálogo com troca de histórias e desejos. Passei a perceber ele mais à vontade para conversar à medida que fui falando sobre mim, sobre o lugar de onde eu vinha e como cheguei até ele. Um dos ensinamentos que levo da experiência do AT é sobre emprestar para o outro algo que ele poderá se identificar e, a partir disso, auxiliá-lo em seu processo de produção de autonomia. Ao narrar este momento inicial do nosso acompanhamento percebo que naquele dia emprestei para ele um pouco da minha história, da minha narrativa, dos meus desejos e do meu vagar pela cidade. A partir do que emprestei de mim, Davi me devolveu algo dele, produzindo uma narrativa sobre um pouco da sua história e seus desejos de circular pela cidade.

Esse movimento de Davi foi possível dentro da proposta de deslocamento do AT. Outros dispositivos clínicos que, tradicionalmente, se fecham dentro de uma instituição apresentariam barreiras significativas para que esse jovem conseguisse acessá-los. O acompanhamento de Davi me fez pensar sobre como algumas teorias nos servem de certos roteiros a serem seguidos em abordagens iniciais com pacientes e que, por vezes, podem não dar conta do que será produzido. Dentre estes roteiros a configuração do *setting* clínico psicanalítico tradicional vem a ser um exemplo de abordagem que limita algumas possibilidades de produção de cuidado. Sobre esse *setting*, Letícia Machado Moreira e Cristiane Silva Esteves (2012) trazem a seguinte definição:

O *setting* psicoterápico constitui-se como base sólida e permanente para o processo terapêutico ter início. A segurança de um local que, em silêncio permeará todas as sessões, dá ao terapeuta e ao paciente definições claras sobre seus papéis e sobre a técnica. Assim, o terapeuta pode encontrar soluções até mesmo quando algo lhe foge o controle, pois ele terá um ambiente seguro e regras técnicas bem fundamentais incorporadas em seu modo de agir. Poder

retomar ao enquadre sempre que houver necessidade é a segurança de que estamos no caminho certo, como terapeutas, de que sabemos qual é nosso lugar, mantendo, por exemplo, a neutralidade e a abstinência. (MOREIRA; ESTEVES, 2012, p. 1.).

Entendo essa fala não como representativa de todas as formas de se fazer clínica, mas resume em si muito da clínica tradicional praticada em diversos espaços. Mesmo com seu alcance e com sua contribuição para o cuidado em saúde mental existem limites que sua própria configuração impõe e que podem impedir a prática de um cuidado que dialogue com os sujeitos a partir de sua realidade e especificidades, explorando suas potencialidades no percurso pela cidade. Em contraponto a esta abordagem clínica, Antônio Lancetti apresenta a clínica peripatética, “uma clínica que se faz em trânsito, em ambiente desprotegido; sai do consultório e se sustenta na surpresa” (LANCETTI, 2008, p.20). O autor ainda ressalta que trata-se de um trabalho experiencial, que se define pelo paradoxo do poder sanitário, médico e policialesco e, simultaneamente, pela potência de afetar e ser afetado. Apesar do carácter médico desta clínica, podemos pensar seus diálogos com o acompanhamento terapêutico que também irá convocar o terapeuta para o trânsito na cidade, rompendo as barreiras do consultório e apostando no que de terapêutico isso poderá produzir.

Nessa direção, Analice Palombini (2004) entende que o AT opera em contexto que, sem desprezar os determinantes políticos-sociais do adoecimento psíquico, é capaz de dispensar especial atenção ao sujeito implicado na constituição de uma psicose ou neurose grave, categorias em que, via de regra, enquadra-se a clientela que, historicamente, é encaminhada para uma hospitalização psiquiátrica e que, potencialmente, pode demandar AT. Frente a isso, aposto em uma reflexão que nos possibilite pensar as potências da prática do acompanhamento terapêutico diante dos desafios de se trabalhar cuidado e saúde mental com pessoas que apresentam características como a da história de Davi, que encontram barreiras para sair e se sustentar no espaço fora de casa.

2.3. Sobre minha branquitude

Davi é um pouco mais baixo que eu (tenho 1,71 de altura) e é mais magro também. Ele é negro (filho de mãe negra e pai branco), tem cabelo crespo e pouca barba. Pelos estereótipos sociais de aparência etária, Davi não aparenta ter 27

anos, parece ser bem mais jovem. Neste momento que descrevo sua aparência é importante destacar a questão racial que atravessa a história de Davi. Mesmo que na época do acompanhamento ele não tenha verbalizado questões sobre sua cor, não considerar isso seria contribuir para o silenciamento da negritude de Davi. Confesso que na época, por Davi não trazer para os acompanhamentos falas sobre sua negritude, eu acabei por contribuir para esse silenciamento. Não posso, agora, falar por Davi sobre a sua negritude e o que isso despertava na singularidade dele. O que posso fazer é considerar a minha branquitude na nossa relação e meus privilégios decorrentes disso. Não faço isso na ilusão de estar reparando o silenciamento que se deu, com a minha contribuição de sujeito branco, de pensar a negritude de Davi durante o período em que se deu o AT. Faço isso para pensar a minha branquitude nesta narrativa, nos encontros com Davi e no meu processo de formação.

Maria Aparecida Silva Bento (2002), em seu texto *Branqueamento e Branquitude no Brasil*, apresenta a fala de Edith Piza (1998) que, nesse momento, me ajuda a pensar como encarei a questão racial na época: "[...] ser branco é não ter de pensar sobre isso o significado de ser branco é a possibilidade de escolher entre revelar ou ignorar a própria branquitude... não nomear-se branca...". Maria Aparecida (2002) cita também Janet Helms (1990) que descreve a evolução de uma possível identidade racial branca não-racista que pode ser alcançada se a pessoa aceitar sua própria branquitude, e as implicações culturais, políticas, socioeconômicas de ser branca, definindo uma visão do eu como um ser racial.

No período em que encontrava com Davi, as questões da minha branquitude, enquanto acompanhante de um sujeito negro, não detiveram minha atenção. Hoje ao escrever este trabalho me permito reconhecer que o vagar pela cidade é atravessado por implicações culturais e políticas mediadas pela cor. O meu vagar pela cidade detinha privilégios que não eram compartilhados por Davi. O olhar do outro que pousava sobre meu corpo era diferente do olhar que pousava sobre ele. Circular em espaços públicos carregados de pessoas e seus preconceitos é um exercício extremamente singular e que encontra barreiras que eu, como pessoa branca, não experiencio como Davi enquanto jovem negro.

Trago esta reflexão neste momento da narrativa, pois considero importante pensar que a dificuldade de se sustentar em espaços públicos para Davi poderia estar atravessada pela sua negritude, mesmo que ele não tenha verbalizado isso,

mesmo que talvez nem ele percebesse isso como uma questão. Na época eu não fui sensível nesse ponto. Faço desta escrita não só um reencontro com Davi e com o AT mas também um reencontro comigo e com o olhar que eu tinha na época. Desse reencontro surge a oportunidade de me repensar e apurar minha sensibilidade para questões da relação do sujeito com o mundo atravessadas por questões étnico-raciais.

2.4. Sobre nossas primeiras saídas

Nossa primeira saída juntos se deu em direção ao Barra Shopping Sul, depois de um atendimento agendado no CAPS no qual Davi era vinculado na época. Ele chega ao CAPS acompanhado da agente comunitária que o buscou em casa e o trouxe de ônibus. Eu chego ao CAPS um pouco depois deles, era minha primeira vez nessa região da cidade e não imaginava o tempo que levaria de ônibus até ali. Neste processo de devolver a cidade para Davi me peguei, ainda, descobrindo essa cidade.

Acompanho Davi no atendimento, me apresento para o Psiquiatra e apresento a proposta de trabalho do AT na Rede. Como já havíamos combinado previamente com o seu pai, a proposta deste dia seria de ir almoçar e, depois, ir ao cinema no shopping próximo ao CAPS. Nos despedimos da agente comunitária na parada de ônibus. Uso o meu celular para pesquisar o caminho até o shopping, mostro para Davi o caminho que faremos e o tempo estimado de caminhada. Pergunto para ele se este tempo de caminhada está tranquilo e ele responde afirmativamente. Neste dia, e em todas as nossas saídas posteriores, sempre me preocupei e questionei Davi quanto ao ritmo e distância das nossas caminhadas. Depois de tanto tempo na cama, o movimento do corpo é tão desafiador quanto sustentar ele nos espaços públicos. A partir do que Davi quer fazer, a partir de onde ele quer ir e, a partir do quanto ele se dispõe a caminhar é que construímos nossos roteiros e nossas aventuras. Emerson Merhy (2006) traz contribuições para pensar essa prática de cuidado que produzimos em conjunto. Este autor nos diz que quando um trabalhador de saúde se encontra com um usuário, no interior de um processo de produção do cuidado, é estabelecido entre eles um espaço intercessor que sempre existirá nos seus encontros, mas só nos seus encontros, em ato. Nesse sentido, a imagem desse espaço, é semelhante à construção de um espaço comum no qual tanto o trabalhador quanto o usuário intervém um sobre o outro, por isso é

caracterizado como um processo intercessor, pois contém na sua constitutividade a lógica da mútua produção em ato micropolítico, que supõe a produção de **um** no outro. Isso nos permite pensar que tanto eu quanto Davi, dentro do espaço comum estabelecido no AT, estamos em constante produção de subjetividade.

Acredito que neste dia o nosso espaço comum começou a se produzir e foi crescendo a cada encontro. A partir dos desejos e limites que Davi apresentava e do que eu trazia como desafios e propostas, o campo de cuidado foi sendo produzido. A lógica da mútua produção deste ato micropolítico que Merhy (2006) apresenta é um elemento bastante significativo deste acompanhamento terapêutico e terá seu devido destaque no decorrer de minha narrativa.

No caminho para o shopping conversamos sobre o que desejávamos comer. Davi lista algumas ideias de lanches, mas, quando chega, logo escolhe o McDonalds. Ajudo ele a entender o que vem em cada sanduíche e as combinações que ele pode fazer. Pergunto se ele mesmo quer fazer o pedido do lanche. De forma tímida ele me pede para fazer isso por ele e me estende o dinheiro que o pai lhe deu. Faço o pedido para ele e quando a atendente questiona sabores ou opções deixo um espaço de silêncio que ele mesmo preenche respondendo. Esta autonomia de desejar, elaborar, pedir e pagar aos poucos vai se produzindo em nossos encontros, empresto para ele um pouco da minha voz, mas também coloco um pouco de silêncio para que ele preencha. A cada encontro a minha voz se faz menos necessária nos momentos de pedir lanches e interagir com o outro, Davi vai produzindo autonomia, preenchendo esses espaços com voz, com corpo e com desejos.

Depois do almoço vamos ao cinema, Davi escolhe uma comédia brasileira para assistirmos nesse dia. Os últimos anos na cama, em frente a TV, possibilitaram à Davi assistir muitos filmes, novelas e notícias. Através do aparelho televisor ele acompanhou o mundo (com os limites e as escolhas da mídia), para além da sua casa. Ele sabia o nome dos atores e sabia contar sobre outros filmes que eles fizeram. Saímos do cinema e conversamos sobre o que assistimos, ele fala que gostou e faz comentários sobre alguns trechos. Seu andar pelo shopping é lento e tímido e sua fala é baixa e curta. Estar entre muitas pessoas causa certo desconforto para ele, mesmo que ele goste de estar ali. Davi fala que foi a primeira vez que comeu no McDonalds e a primeira vez que foi ao cinema. Pergunto se era algo que ele desejava fazer e ele diz que sim e que gostou disso. Neste momento me seguro

para não me emocionar. Coisas que na minha vida se deram tão cedo e de forma tão natural para Davi estavam se dando com bastante esforço e de forma bastante significativa. Comer um McDonalds e ir ao cinema representaram um encontro deste sujeito com seus desejos e com a cidade. Acompanhar Davi neste momento me marcou profundamente a ponto de ainda lembrar com clareza deste dia. Aos poucos a potência do AT enquanto mecanismo terapêutico que opera das mais diversas formas (por exemplo ao traçar rotas para um destino, ao pedir um lanche, ao passear por um parque, etc.) ia se mostrando para mim, através dos encontros de Davi com a cidade e com seus desejos. Se me dissessem no início do curso que o cuidado em saúde mental poderia se dar em um shopping, em um cinema ou em uma rede de fast food eu diria que se tratava de um trote para enganar “bixo”. O AT mostrou que isso realmente pode acontecer e o quão potente pode ser.

Depois do filme, eu levo Davi para casa de ônibus. No caminho passamos pelo Catamarã, que faz a travessia de Porto Alegre para Guaíba, parando em frente ao shopping e depois em frente ao Mercado Público. Pergunto para Davi se ele gostaria de andar um dia neste barco e ele demonstra bastante interesse. Combinamos de fazer esta travessia em uma próxima visita ao shopping.

Este dia que narrei inaugurou nossas saídas e também a entrada do dinheiro em nossos encontros. Apesar da condição econômica da família, Davi sempre recebeu nos dias de encontro um valor suficiente para pegar ônibus de ida e volta, comer e beber alguma coisa e, caso tivéssemos programado, ir ao cinema. Juntos sempre fazíamos as contas para verificar as possibilidades com o valor que ele tinha e conseguir descontos que fossem possíveis. A questão financeira da família de Davi oferecia barreiras de acesso à algumas atividades sociais, mas dentro do possível possibilitava outras, como por exemplo ir ao centro de ônibus e consumir lanches no comércio. Vale pensar que essas barreiras poderiam ser maiores e que questões socioeconômicas podem contribuir para sustentar estas barreiras.

Júlia Bongiovanni (2017) nos diz que o saber técnico, comumente, atribui o isolamento daqueles que possuem um sofrimento psíquico a um sintoma da doença, acobertando o caráter social da questão. Ela traz ainda o questionamento: O que inibiria os próprios usuários a circularem pela cidade? A autora acredita que não se pode negligenciar a questão financeira. Ter acesso a atividades de lazer quase sempre envolve algum gasto: pagar a passagem de ônibus, consumir algo, afinal, quase todas as atividades sociais da atualidade estão ligadas ao consumo.

Considerando as barreiras financeiras que a cidade cria em torno das possibilidades de circular, o AT pode ajudar a construir alternativas de contorno para essas barreiras. Apesar de Davi trazer consigo algum dinheiro, juntos procurávamos na cidade o que ela poderia nos oferecer sem custos, firmando um espaço para além da lógica do consumo. Museus, praças, galerias foram sendo descobertas e passaram a entrar nas nossas rotas. O desejo de acessar objetos e experiências pagas não foram descartadas (como, por exemplo, o trajeto de catamarã), mas isso não substituiu o movimento de reivindicar o direito à cidade e seus espaços públicos.

2.5. Sobre comida, desejo e autonomia.

As saídas foram se dando aos poucos, no início eram apenas nos dias de consulta no CAPS. Depois de algumas semanas as saídas já eram frequentes e com destinos diversos que misturavam os pedidos de Davi com sugestões minhas. O aumento da frequência das saídas trouxe consigo uma mudança também no modo como se dava o nosso encontro. Nossas andanças pela cidade iniciavam na parada de ônibus perto da casa de Davi, ali nos encontrávamos e juntos pegávamos o ônibus em direção ao centro de Porto Alegre. A cada viagem Davi demonstrava mais autonomia neste processo. O número do ônibus passou a ser reconhecido por ele. O dinheiro já ficava separado em seu bolso. O troco era conferido com mais tranquilidade. O contato visual com o cobrador se sustentava por mais tempo. Não era mais necessário que eu indicasse o ponto de descida. E aos poucos não fazia mais sentido me encontrar com Davi para assistir ele neste processo de pegar um transporte ao centro da cidade.

Pergunto para Davi se ele se sentiria confortável me encontrando no centro, em um local combinado previamente e que ele soubesse chegar com facilidade. Ele concorda e juntos escolhemos um local de encontro. Rua dos Andradas, em frente ao McDonalds do Shopping da Rua da Praia. Este local fica eternizado como nosso ponto de encontro. Nos meses seguintes, até o último dia que me encontrei com Davi, foi neste local que o aguardei todas as quintas-feiras à tarde. Não sei dizer se ele ainda se encontra com seu atual acompanhante terapêutico neste lugar, mas toda vez que passo por ali lembro de me escorar na grade em frente a uma árvore e mirar a rua dos Andradas na direção da esquina democrática, esperando pelo rosto conhecido que sempre surgia, com certo atraso, em meio às pessoas.

Nossa dinâmica foi se construindo e se consolidando. Nos encontrávamos no início da tarde no local combinado e ali decidíamos a primeira parada. Na maior parte das vezes, Davi deixava para almoçar no início do AT. O processo de escolher o local e o que iria comer sempre lhe foram de grande interesse. Gostava de variar. Se na semana anterior tivesse comido cachorro quente, na semana seguinte não iria repetir o prato. Se alguma sobremesa lhe chamasse a atenção, ele calculava para poupar no salgado e poder comer também um doce.

Através do seu desejo por comida, e pela experimentação de coisas diferentes, muito da autonomia de Davi foi se produzindo. Ao repetir a dinâmica de escolher um alimento, solicitar ele para o atendente, realizar o pagamento e receber o troco, suas possibilidades de interação com a cidade foram se ampliando, bem como sua autonomia para circular.

Após o almoço nosso destino podia ser uma praça, um museu, um shopping ou mesmo um vagar pelas ruas. Davi apresentava seus desejos e suas ideias. A partir do nosso ponto de localização, nossa rota era traçada em direção ao desejo dele para aquela tarde. Por vezes a rota era longa, exigindo bastante caminhada. Quando Davi cansava fazíamos uma pausa, aproveitando para sentar em alguma praça ou visitar alguma loja. Durante nosso trajeto falávamos um pouco sobre as ruas, seus nomes, suas características e se já havíamos passamos por ali antes. Algumas ruas o Davi já conhecia do período em que vinha com a família para o centro. Outras ele foi conhecendo e reconhecendo conforme eram revisitadas. Por vezes, repetimos o destino e, por vezes, não foi mais necessário guiar Davi pelo caminho.

Nossos encontros eram encerrados na parada de ônibus da Borges de Medeiros. Davi entrava no ônibus para casa e eu no ônibus para a UFRGS. Eu tinha o costume de esperar primeiro o ônibus dele, na intenção de garantir que ele pegasse o ônibus certo e não se perdesse na multidão. Eis que um dia me despeço de Davi na fila do ônibus, me afastando em direção ao meu caminho. Olho para trás e vejo que ele segue a fila para entrar, porém ao chegar na porta segue reto, saindo da fila e voltando para circular na cidade. Fico bastante assustado, neste momento não sei bem o que fazer. Davi provoca uma fissura em nosso roteiro semanal. Surge um desejo pela cidade para além do nosso encontro, para além da nossa dinâmica.

No momento em que isso acontece não consigo pensar na potência deste movimento. O AT tem disso, de nos convocar para o imprevisto, nos convocar para a

escolha de intervenções imediatas no meio de uma cidade e da vida que ali está em constante produção. Davi estava querendo participar desta produção de vida da cidade, e queria participar sem mim, pelo menos por um momento. Isso me assustou. E se ele se perdesse? E se ele fosse assaltado? Naquele momento eu não consegui confiar na autonomia que estava se produzindo. Naquele momento fiquei com medo do que a quebra do contrato com o pai (sobre horário e sobre levar ele até o ônibus) poderia gerar. Em respostas a estes medos vou atrás de Davi. Pergunto se está tudo bem e por que ele não quis pegar o ônibus. Ele diz que quer ficar um pouco mais passeando pelo centro. Comento com ele que o pai o estaria esperando no horário combinado, mas que em uma próxima semana poderíamos combinar uma forma e um tempo para ele ficar sozinho no centro. Ele aceita esta proposta e entra no ônibus.

Apesar do susto e das inseguranças, o grupo do AT e as supervisoras me ajudam a pensar este movimento de Davi como mais um passo na sua autonomia e na sua expressão de desejos e em como seria importante validar e apostar nisso. Como Davi não possuía celular para se comunicar com o pai no caminho de volta, algumas combinações práticas foram feitas. Um horário máximo de chegada em casa foi estipulado, principalmente pelos perigos do bairro, e um papel com o telefone do pai em caso de necessidade de contato. Isso já foi suficiente para dar o tempo e o espaço que Davi estava demandando para seu encontro com a cidade.

Este dia em que Davi passou reto pela porta do ônibus, marcou o início de uma série de movimentos autônomos dele. Na maioria dos encontros que se seguiram, Davi passa a ficar mais tempo sozinho pelo centro. Sobre esses momentos ele pouco falava, apenas que entrava em algumas lojas, sem dizer quais. Este momento de circular “desacompanhado” permitia que ele pudesse criar uma relação com a cidade sem o intermédio do profissional “terapêutico”, ou apenas sem o intermédio de ninguém. Esta circulação sozinha, que mais tarde se ampliaria para uma vinda ao centro em outro dia que não o do AT, veio a ser um espaço para ele acessar interesses que ele ainda não estava pronto para compartilhar comigo naquele momento. O conteúdo do seu interesse, nesses momentos sozinho, surgiram mais tarde em algumas conversas, mas acredito que não seja necessário trazê-los nesta narrativa. Não precisamos do conteúdo para pensar na importância deste movimento em busca de algo de seu interesse e, a partir disso, a produção de autonomia. Da cama para o pátio, do pátio para o bairro e do bairro para o outro lado

da cidade. Da visita domiciliar ao percurso de ônibus acompanhado, desse percurso acompanhado ao percurso independente, do retorno até a parada de ônibus ao encontro da cidade por si mesmo. O desejo emprestado lá no início fora devolvido, agora tinha o seu próprio desejo de circular e acessar as possibilidades de uma cidade.

Após a escrita deste capítulo me pego procurando escritos que possam dialogar com esse movimento de autonomia. No início não encontro algo que forneça esse diálogo da forma como penso que a história de Davi merece. Percebo aos poucos que talvez não seja necessário trazer um referencial teórico para este capítulo. Pontuei, no início deste trabalho, o diálogo que se produziu com o grupo do AT na Rede enquanto ferramenta que me ajudou a pensar esses movimentos. Faço deles meu referencial teórico.

Volto e releio o capítulo. Gosto muito de como a narrativa apresentou estes encontros. Percebo o quanto a narrativa que teci sobre Davi falou por ela mesmo neste recorte sobre autonomia e, que na intenção de valorizar essa produção, vou deixar este capítulo assim, “crú”, a partir do que a experiência falou dela mesma. Entendo essa decisão, também, como forma de firmar o encontro do acompanhante com o acompanhado como produtor de conhecimento sobre cuidado, este último tendo um papel ativo nesta produção (MERHY, 2006).

2.6. Sobre o vínculo e sobre o dizer adeus

Antes mesmo de iniciar o acompanhamento terapêutico com Davi eu escutei uma frase de minha colega na época, Liziane Guedes, que me marcou tanto naquele momento quando por todo o período de estágio. Liziane, ao se apresentar para os novos estagiários que ingressam no grupo, iniciou com o seguinte apontamento: “Sou Liziane Guedes, acompanho a G. e ela me acompanha”. Lembro que na época esta fala sobre dualidade já me chamara a atenção. Liziane neste momento ressaltou que o acompanhamento se dá em duas vias, dois sujeitos que se acompanham, que se subjetivam nesse processo, sem posições hierárquicas sobre o vínculo que se produz a cada encontro. O tempo só me fez entender a importância desta fala e como ela trazia em si muito da potência formadora do AT.

Sobre a relação do acompanhante terapêutico com o acompanhado, Ricardo Silveira (2016) vai nos dizer que são recorrentes os relatos de cenas que remetem à vivência da mutualidade, da indiferenciação e perda temporária de contornos dos

papéis de acompanhante e acompanhado que podem levar a processos de diferenciação e fortalecimento do vínculo entre os envolvidos. Ao entender que, assim como eu acompanho Davi ele também me acompanha, surge a possibilidade de pensar os múltiplos papéis do acompanhado nessa relação. Davi assume um papel ativo tanto na produção do seu próprio cuidado quanto na produção do meu aprendizado enquanto estagiário de Psicologia. Entendo esse papel como uma produção de narrativa de vida e de relação com a cidade e comigo, uma narrativa detentora de saber sobre si, sobre cuidado e sobre vínculo.

Me utilizei, alguns capítulos atrás, da fala de Emerson Merhy (2006), para pensar a produção do cuidado. Este mesmo autor nos fala sobre a construção de um espaço comum entre profissional/usuário (traduzidos aqui nos papéis de acompanhante/acompanhado), no qual um intervém sobre o outro, pois contém na sua constitutividade a lógica da mútua produção em ato micropolítico, que supõe a produção de um no outro.

Esta experiência, enquanto período de estágio, traz tanto estas potências criadoras e formadoras quanto um pesar por se encerrar em um momento previamente delimitado pelo calendário. Não é uma alta melhorada. Não é um afastamento do tratamento por parte do acompanhado. É um limite temporal imposto pelo termo de estágio que interrompe os encontros semanais na rua dos andradas. Na época em que este encerramento se deu, eu escrevi um pouco sobre essa experiência para uma disciplina da graduação. Agora, para este trabalho, revisito os escritos e os sentimentos de 2 anos atrás. Acredito que todo acompanhamento que se inicia não se extingue por completo no momento em que os sujeitos envolvidos param de se encontrar, acreditar nisso seria subestimar a potência das relações no acompanhamento terapêutico. Potências essas que o próprio Davi me mostrou enquanto sua autonomia se produzia, a partir de nossos encontros, mas não apenas durante eles.

A emergência da extinção do nosso tempo gerou, na contagem regressiva de encontros, cada vez mais interesse de Davi em me questionar sobre meus planos futuros, despertada aparentemente pelo encerramento que se aproximava. Além disso, surge também mais vontade de conhecer lugares, viver experiências. Frases como “gostaria de conhecer esse lugar”, “seria legal fazer tal coisa”, aparecem com mais frequência nesse momento. Entendo isso como potências sobre o desejo de vida e o encorajo a viver muitas delas por conta própria, ou, com o novo AT, tanto

para que isso não se perca, quanto para que ele se veja como um agente autônomo das suas vontades.

O vínculo, que possibilitou muito do que se produziu nestes encontros, agora tornava o encerramento mais difícil do que eu podia imaginar quando subi pela primeira vez a lomba íngreme em direção ao bairro de Davi. Meu primeiro contato com cuidado em saúde mental, que tanto me ensinou e que me mostrou a potência do meu fazer enquanto futuro profissional psi, precisava ser encerrado e a amizade emprestada neste processo cobrava um preço alto neste momento. Nosso último encontro é também o primeiro encontro de Davi com seu novo acompanhante terapêutico. No mesmo local, Rua dos Andradas, em frente ao Mc Donald's do Shopping Rua da Praia, inicia nosso último acompanhamento. Davi já sabia que este seria um dia de encontro e despedida. Apresento um ao outro, acompanhante e acompanhado. Circulamos pelo centro por um tempo, permitindo que Davi fale sobre si e que pergunte sobre o novo AT. Durante a conversa vou dando cada vez mais espaço para eles, antecipando o afastamento físico no afastamento das palavras. Percebo quando o momento de me despedir finalmente chega, indicado pelo diálogo que entre ambos vai se intensificando. O vínculo que tínhamos precisa dar espaço ao novo vínculo que irá surgir. Ofereço e peço para Davi o abraço que nunca tivemos. Ele aceita e me surpreende ao me abraçar de forma bem menos tímida do que quando apertávamos as mãos. Me despeço dele, do seu novo AT e de nossos encontros. No caminho de volta passo pelo nosso ponto de encontro de tantas quintas-feiras e me percebo sensibilizado, pois não voltaria a reencontrar Davi naquele local e, realmente, não mais o encontrei pelas ruas da cidade, mas o reencontrei nesta narrativa desde a primeira linha.

3. SOBRE CONCLUIR (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

Este trabalho, em forma de narrativa, me possibilitou um reencontro com Davi e com o que se produziu enquanto eu o acompanhei e ele me acompanhou. Ao colocar em palavras e tecer uma história, foi possível identificar como essa experiência me produziu enquanto profissional de saúde mental e, ao mesmo tempo, possibilitou firmar o AT como dispositivo terapêutico potente para ofertar cuidado, especialmente, para sujeitos com questões psíquicas e sociais que outros dispositivos apresentariam barreiras para serem acessados.

Através da narrativa dos encontros com Davi, é possível pensar como as condições sócio-econômicas erguem barreiras de acesso à cidade e como isso compõe a saúde mental do sujeito. Davi se afastou da escola e parou de sair de casa ainda adolescente. Isso, por si só, possivelmente não fosse desencadear uma futura internação como veio a acontecer. As dificuldades familiares no cuidado da saúde da mãe, os perigos do território, o local de difícil acesso da moradia da família e suas condições financeiras, são alguns aspectos que compõe o olhar sobre a saúde mental de Davi e sobre sua trajetória. O AT nesse caso, conseguiu fazer alguns furos em algumas barreiras, permitindo que Davi tivesse acesso ao cuidado contribuindo no seu retorno ao espaço social da cidade.

Enquanto as barreiras eram furadas e o cuidado se produzia, acontecia também meu processo de formação, extremamente afetado pela prática do AT nos encontros com Davi. Pensando esse processo de afetar-se, Analice Palombini (2006) entende que as incursões do acompanhante pelo fora, a céu aberto, possibilitam uma outra visão, uma outra experiência de encontro com o acompanhado, que é distinta da experiência vivida em um serviço. Isso terminaria por exigir da equipe um reposicionamento em relação aos casos, abandonando estratégias que se tornaram rotina, requisitando a intervenção de outros profissionais, fazendo-se cargo de novas frentes de trabalho, inventando formas inusitadas de ação. Estas palavras da autora, que também foi minha supervisora enquanto estagiário do AT na Rede, ecoam muito do que vivi nesse período de acompanhar Davi e ser acompanhado por ele. O que ficou, dentre algumas coisas que gostaria de destacar, foi um aprendizado sobre a autonomia que se produz quando barreiras são furadas, sobre escutar o que o sujeito e sua história falam no processo de cuidado e sobre entender nossa constante formação diária no contato com o outro. E claro, o que ficou colado em tudo isso, foi um pouquinho de saudade

dos encontros nas tardes de quinta-feira em frente ao McDonalds da rua dos Andradas.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Kleber Duarte. **Ética e técnica no acompanhamento terapêutico: andanças com Dom Quixote e Sancho Pança**. 3.ed. São Paulo: Unimarco/Edições Sobornost, 2005.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e Branquitude no Brasil**. In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes p. (25-58), 2002.

BONGIOVANNI, Júlia. **Desinstitucionalização: outros itinerários possíveis**. 2017

BOUTEILLER, Eveline. **Escrita, texto e leitura: questões para o ensino da psicologia**. Psicol. educ., São Paulo , n. 37, p. 103-109, dez. 2013 .

LANCETTI, Antônio. **Clínica peripatética** 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MERHY, Emerson Elias. **O cuidado é um acontecimento e não um ato**. 2006

MOREIRA, Letícia Machado; ESTEVES, Cristiane Silva. **Revisitando a teoria do setting terapêutico**. 2012

PALOMBINI, Analice (et al). **Acompanhamento terapêutico na rede pública: a clínica em movimento**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

PALOMBINI, Analice de Lima. **Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico-político**. Psyche (Sao Paulo), São Paulo , v. 10, n. 18, p. 115-127, set. 2006

PALOMBINI, Analice. **Programa de Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública Um projeto de ensino, pesquisa e extensão.** 2007.

POTTE-BONNEVILLE, Mathieu. **Um mestre sem verdade? Retrato de Foucault como estóico paradoxal.** In W. Koan & J. Gondra (Eds.), *Foucault 80 anos* (pp. 129-150). Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

REIS NETO, Raymundo de Oliveira; TEIXEIRA PINTO, Ana Carolina; OLIVEIRA, Luiz Gustavo Azevedo. **Acompanhamento terapêutico: história, clínica e saber.** *Psicol cienc. prof.* Brasília, v. 31, n. 1, p. 30-39, 2011.

SILVEIRA, Ricardo Wagner Machado da. **Relação entre acompanhante e acompanhado: reflexões sobre o dispositivo amizade-clínica.** *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 28, p. 333, 2016.